



LV
N.º 6

PARENTES DESALMADOS

DRAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS

POR

C. A. Cordeiro.



RIO DE JANEIRO

EMPRESA TYPOGRAPHICA NACIONAL DO DIARIO

Rua do Rosario n. 87.



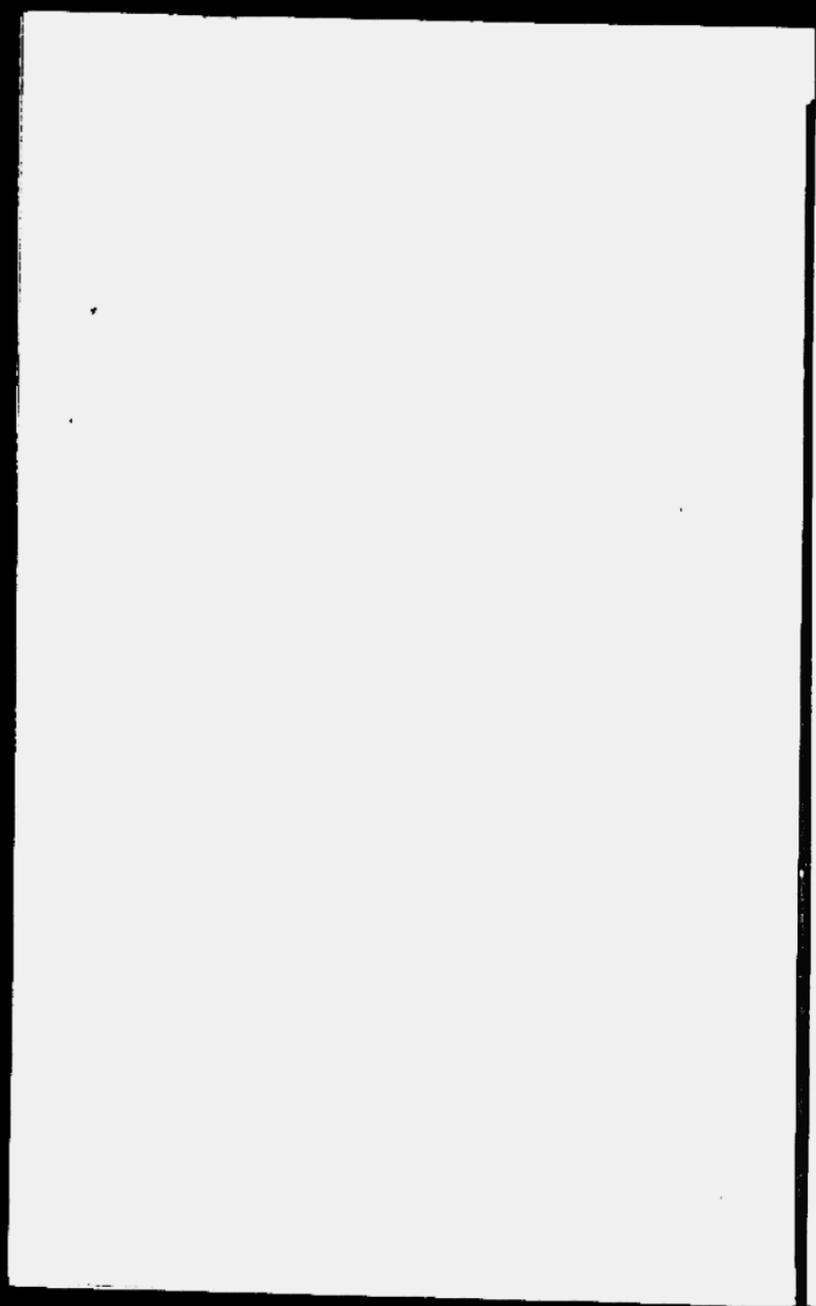
A 292.531 A.E.

18/5/2010



OS

PARENTES DESALMADOS



Licença do Conservatorio Dramatico.



Sendo do mesmo accordo os illustrados censores que virão este drama intitulado **Os parentes desalmados**; e attenta a disposição da lei regulamentar no art. 3.º pôde o mesmo drama subir á scena em qualquer theatro desta côrte, com as suppressões ou substituições que vão ordenados em seus respectivos lugares.

Rio de Janeiro, 20 de maio de 1836.

D. Bivar.





7

II
r
e
e
i
e
s

DEDICATORIA.



Ulm. e Exm. Sr. Conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo.

Este é o ultimo drama da collecção, que ousei offerer a V. Ex., e me acho tão penhorado da bondade, com que V. Ex. tem recebido, e mesmo immeritamente elogiado essas minhas fracas producções, que quasi me sinto com animo de ainda publicar outros mal acabados trabalhos de identico genero. Se lograr effectual-o. de novo o prestigioso nome de V. Ex. será o seu unico valor do contrario, já e sempre me confessarei

De V. Ex.

O mais agradecido, dedicado e affectuoso servo

C. Antonio Cardoia



Co
da n
felize
das n
nã
pesso
despr
nume
meus
nunc

Co
fui n
const
Gym
mais
pria
até a
granc
dos j
huma
sobre

PROLOGO



Confesso que já cancei. Tendo d'esde a publicação da minha primeira comedia — São esses os mais felizes — protestado, que os assumptos e personagens das minhas composições erão de pura phantasia, que não apresentava prothotypos, nem fazia allusões á pessoas, nem a cousas, tenho visto os meus protestos desprezados, a minha palavra não acreditada, e certo numero de malevolos achar prazer em descobrir em meus escriptos sempre paridades e semelhanças, que nunca foi dar-lhes minha intenção.

Com este drama — Os parentes desalmados — não fui mais feliz, do que com os precedentes. Apenas constou, que elle ia ser representado no Theatro do Gymnasio, aquelles mesmos, que nem o virão, quanto mais lerão, começarão a espalhar logo, que era a propria e identica questão—Villa Nova do Minho,—que até as personagens erão as mesmas interessadas n'esse grande drama, que tantas lagrimas tem produzido. Um dos jornaes da cõrte chegou até a accusar-me de des-humanidade por ter aproveitado tal assumpto para sobre elle escrever.

Em vão quiz justificar-me publicando opiniões de pessoas respeitáveis, que conhecendo o drama, o contrario asseveravão, em balde quiz por meio de sua representação leval-o ao conhecimento do publico para seu desengano; nem o theatro do Gymnasio, nem o Provisorio, m' o quizerão representar, insistindo sempre ambos em ser uma parodia da questão Villa Nova do Minho. A' vista disto que mais me restava fazer? Imprimil-o, e mandar que corresse o mundo. Eis pois o que fiz, e agora que impresso se acha, o publico em consciencia julgue, se a sua acção, seu desenvolvimento e desfeixotem algum ponto de contacto com a questão, que ainda hoje occupa os nossos Tribunaes, e se os caracteres daspersonagens por mim ideadas, são semelhantes aos dos interessados por qualquer titulo n'essa dita questão.

O AUTHOR

Carlos Antonio Cordeiro.

JERON
ROBER
Dr. Br
Dr. F
ESTEV
PADRE
ANTON
João.
D. GE
VIRGI

A sec

O 1.º

Dr. Bro

Dr. Fulg

PERSONAGENS



- JERONYMO, (40 annos.)
ROBERTO, seu sobrinho (22 annos.)
DR. BROCHARDO, medico (25 annos.)
DR. FULGENCIO, advogado (36 annos.)
ESTEVÃO, procurador (50 annos.)
PADRE BARTHOLOMEU, (60 annos.)
ANTONIO, (criado.)
João, (dito.)
D. GENOVEVA, (36 annos) mãe de ...
VIRGINIA, (de 14 a 15 annos.)

A scena passa-se no Rio de Janeiro em 185...

O 1.º acto em casa de Ferreira, o 2.º em casa do Dr. Brochardo, e o 3.º em um oratorio em casa do Dr. Fulgencio.





O theatro re
No fundo e
da direita
mita par
Bartholon
Ferreira e
duas port
pois. A' r
diversus v
deverá ha
vela de
popeleira

O DR. E
trua
leo. G
depois

Tres l
dar? Ha
bem can
chamasse
já se ver
ga-se pa



ACTO I.

O theatro representa uma sala, que precede a um quarto de dormir. No fundo duas portas: a da esquerda da scena é de entrada geral, a da direita é do quarto de Virginia. A esquerda ha uma janella, que deita para a rua, e no ultimo plano uma porta do quarto do Padre Bartholomeu. A' direita no primeiro plano a porta do quarto de Ferreira e no ultimo plano a do quarto de Geneveva. Entre as duas portas do fundo ha uma papeleira com diversos maços de papeis. A' esquerda entre a janella e a porta um sofá, cadeiras nos diversos vaos da sala. No centro da scena uma mesa junto á qual deverá haver uma poltrona e duas cadeiras. Arde sobre a mesa uma vela de spermacete, que deve estar dous terços gasta, e sobre a papeleira um relógio, que marca tres horas.

SCENA I.

O DR. BROCHARDO, *assentado a dormir na poltrona junto á mesa, tendo um livro aberto, em que lee. Geneveva sabindo do quarto de Ferreira, e logo depois Virginia.*

GENOVEVA.

Tres horas! e o doutor dorme! Deve-lo-~~hei~~ acordar? Ha duas noites que não prega olho, o hade estar bem cansado! porém a ordem, que me deo, foi, que o chamasse logo, que as bichas tivessem cahido, e isso já se verificou; assim, vou fazer, como me disse. (*Chega-se para junto do doutor e com voz branda o chama.*)

Sr. doutor ! Sr. doutor ! (o doutor não se meche.) Qual ? está em profundo somno ! O coitado tem razão ; depois de tão longa vigilia devia ser este o resultado ! No entanto eu, que ha mais de 12 noites não sei o que é cama ? Oh ! mas comigo é outra cousa ! Sou sua mulher, e parece que Deus nos infunde uma coragem, que excede mesmo a dos homens os mais robustos.

VIRGINIA, (vindo do quarto).

Mamã, já derão tres horas, e segundo os nossos ajustes, deve começar o meu quarto. Vá deitar-se um instante ; porque assim não poderá resistir. Ha tantos dias, que não come, nem dorme ! Eu já não sou criança, já fiz 14 annos, e posso, ao menos por algum tempo, ser a enfermeira de papai.

GENOVEVA, (empurrando-a com brandura).

Sim sim mas deixa-me primeiro acordar o doutor, que o exigio.

VIRGINIA.

Ah ! elle está dormindo ? bem mostra, que o doente não é seu pai !

GENOVEVA.

Não digas isso, Virginia, que é ser ingrata para com um homem, que tanto tem feito pela nossa familia. Se acaso succumbio ao canção, é porque não é de ferro, é porque está, como todos, sujeito ás imperiosas necessidades da natureza.

VIRGINIA.

E Vence., mamã, porque não succumbe ?

GENOVEVA, (*com sorriso melancolico*).

E' porque comigo. . . . isso é diferente. . . . mas deixa-me acordal-o. (*tocando-lhe no hombro*). Sr. doutor ! Sr. doutor !

DR. BROCHARDO, (*acordando*).

O que e' ? (*reconhece Geneveva e levanta-se.*) Ah ! Sra. D. Geneveva ha alguma novidade ?

GENOVEVA.

As bichas já calirão ! . . . e segundo me havia dito' . . .

DR. BROCHARDO.

Si n. . . . sim. . . . que me chamasse. O sono surpreendeu-me a meu pesar, quando me puz a lêr n'esta poltrona : fez bem em acordar-me. Diga-me, o doente inula está na mesma madorna ?

GENOVEVA.

Sempre na mesma, não dá o menor signal de sensibilidade.

DR. BROCHARDO.

Vamos vê-o.

GENOVEVA.

Virginia, vai para teu quarto, vai dormir ainda, minha filha : quando precisar de ti, então virás.

VIRGINIA, (*triste*).

Oh! mamãe, Vence. não quer que eu faça coisa alguma, porque me tem em conta de criança: no entanto eu podia ser já de alguma utilidade na molestia de papai.

DR. BROCHARDO.

Ninguém diz o contrario, minha senhora, mas não é prudente, que todos se fatiguem ao mesmo tempo; poupe as suas forças para quando nos forem necessarias; faça o que a mamãe diz; vá aproveitar o somno da madrugada, que é sempre o mais reparador.

VIRGINIA.

Não quero ser desobediente, Sr. doutor; mas estou bem certa de que afflicta, como me acho, não poderei dormir. (*vai para seu quarto*).

DR. BROCHARDO.

Excellent coração de menina!

GENOVEVA.

E boa filha!

(*entra com o doutor. no quarto*)



SCENA II.

JERONIMO E ROBERTO

(Roberto entra primeiro, observa a scena, e certo de que não ha pessoa alguma, faz signal a Jeronimo, e ambos vem para baixo.)

JERONIMO *(em meia voz)*

Dizes então, que não tens encontrado cousa alguma?

ROBERTO *(em meia voz)*

No escriptorio não. Todos os papeis, todas as gavetas, todos os armarios tem soffrido uma busca rigorosa, e nem assento, ou lembrança tenho achado, que prove tal casamento.

JERONIMO

Pois eu tambem tenho procurado em todas as matrizes d'esta cidade, e mesmo na camara ecclesiastica, e nada tenho descoberto; d'onde concluo, sem medo de errar, que nunca foram casados. Por este lado pois podemos ficar tranquil-os. o diabo porém é, se elle tiver feito testamento, em que tudo declare.

ROBERTO.

Nem sombras d'isso, a esse respeito posso-lhe affiançar.

JERONIMO.

Quem sabe, se o tem guardado em alguma gaveta particular em seu quarto?

ROBERTO.

Qual! não o creio. Todos os papeis os mais importantes de sua vida, elle os guardava na burra, que tem no escriptorio, e ahí nunca lh'o vi, nem cousa que com elle se parecesse

JERONIMO

Homem! não será máo continuarmos as pesquisas; ás vezes o diabo faz cousas, que parecem de proposito.

ROBERTO

Pois bem, tenhamos cautela, e se houver testamento, a mulher deve saber da sua existencia. Demos-lhe um vomitorio com geito, que ella o confessará.

JERONIMO.

Já procuraste n'aquella papeleira? talvez que ali haja alguma cousa.

ROBERTO.

Ainda não, mas isso é facil: estamos sós.

JERONIMO

Sós? no quarto tem gente acordada.

ROBERTO.

Pois fique de sentinella, para ver que ninguem me surprehenda, em quanto procuro.

JERONIMO

Esta dito (*vai para a porta do quarto, e Roberto pega na luz, e vai ver os papeis contidos na papeleira.*)

JERONIMO (*olhando para o quarto.*)

O doutor e D. Genoveva estão muito occupados com o doente: parece que o alumentão: não ha receio então de que sejamos interrompidos (*vem para junto da papeleira*). Já achaste alguma cousa?

ROBERTO

Por ora nada, tudo são papeis insignificantes; mas vá para a porta afim de dar aviso, se alguém vier.

JERONIMO (*indo para a porta.*)

Não ha perigo, temos tempo de sobra.



SCENA III.

OS MESMOS E O PADRE BARTHOLOMEU (*á porta de seu quarto.*)

BARTHOLOMEU (*a parte.*)

Que é isto? que invasão é esta? O homem já expiraria, e sem que eu fosse chamado? Não pode ser, devo ir desenganar-me (*atravessa a scena sem ser visto por Jeronimo e Roberto; mas quando vai chegando á porta, Jeronimo se assusta e pergunta.*)

JERONIMO.

Quem é?

BARTHOLOMEU.

Pois não me conhece? (*Roberto deixa a papeteira e vem para junto de Bartholomeu.*)

JERONIMO.

Ah! é o Sr. padre Bartholomeu! confesso que me causou susto por não ser esperado!

ROBERTO.

Estavamos procurando certos papeis, que o Sr. Ferreira exigio, quando....

BARTHOLOMEU.

Nem pretendo, nem desejo saber o que os senhores fazião, por não ser isto de minha competencia. Se vim a esta casa, foi unicamente para obter novas do enfermo. Poder-m'as-hão dar os senhores?

JERONIMO.

Creio que o melhor é V. S. entrar mesmo no seu quarto, onde achará o medico.

BARTHOLOMEU.

Aceito o aviso. (*entra no quarto.*)



SCENA IV.

OS MESMOS SEM BARTHOLOMEU.

JERONIMO.

Apager ! que o maldido pilhou-me mesmo com a boca na botija ! Felizmente não desconfiou de cousa alguma.

ROBERTO.

E de que tinha que desconfiar ? Elle bellamente sabe que, além de seu sobrinho, sou de mais a mais seu guarda-livros, e que devo portanto estar em dia com toda a escripturação ; sabe tambem, que Vme. é seu cunhado, casado com sua irmã, e meu tio.

JERONIMO.

Sim ; mas estas horas não são as mais proprias para regular-se a escripturação.

ROBERTO.

Ora, deus ! quando o doente está para fazer viagem todas as horas são proprias.

JERONIMO.

Com tudo, o mais prudente é retirar-mo-nos, uma vez que está feita a revista da papelreira.

ROBERTO.

Pois bem, retiremo-nos. (*v. -se pelo fundo.*)



SCENA V.

GENOVEVA e o DR. BROCHARDO (*sahindo do quarto*.)

GENOVEVA.

Nem por um momento, sequer, recuperará a falla ?

DR. BROCHARDO.

Desgraçadamente não, minha senhora.

GENOVEVA.

Oh ! meu Deus ! n'esse caso, o que virá a ser de mim e de minha desgraçada filha ?

DR. BROCHARDO.

E' resignar-se com a vontade do Altissimo ; bem sabe que suas leis são immutaveis, e que a hora fatal dos mortaes está marcada. Conheço que deve sentir muito o passamento de um esposo, que por espaço de 16 annos fez a sua ventura ; mas, tenha coragem, as dores as mais acerbas chegão a ter lenitivo, e ai da triste humanidade, se assim não fôra,

GENOVEVA.

Oh ! mas não é somente a morte d'esse homem generoso que lamento, se bem que será ella para mim um golpe terrivel.

DR. BROCHARDO.

O que é mais então ? receia ficar na miseria ? Por ventura a casa de seu marido não está solida ? Geralmente elle é tido por homem de muitos cabedaes.

GENOVEVA.

— E quem pensa agora em riquezas, meu Deus? quem se importa com isso? Todos os seus haveres eu daria para que elle visesse! Não é essa a questão, e sim um negocio muito grave, que affecta profundamente a minha honra, o porvir, e a felicidade de minha filha.

DR. BROCHARDO.

— Sua honra? o porvir e a felicidade de sua filha? Se-ahora, não a comprehendo, e a meu pesar me assusto. Que negocio é este de que falla? pôde confirm'lo?

GENOVEVA.

— Sim, o senhor tem sido sempre o amigo da nossa familia, o nosso medico, e portanto não haverá risco em communicar-lhe este segredo.

DR. BROCHARDO.

— Faça-o sem receio, na certeza de que, se o procuro saber, é sómente por julgar que lhe poderei ser de alguma utilidade.

GENOVEVA.

— O Sr. doutor sabe, que meu marido foi filho do negociante Joaquim Gonçalves Ferreira, homem bem conhecido n'esta praça, já pela sua honradez, já pelo seu character rispido e em demasia severo. Não tendo havido filhos varões mais do que esse, que n'este momento luta com as ancias da morte, destinou-o para o commercio, e educou-o com tanto aperro, que o filho mais temia as iras do pai, do que tudo quanto havia n'este mundo. Como meu sogro havia sido infeliz com a mulher, que recebera por esposa, julgava a todas por ella, e então expressamente prohibia ao filho que tomasse estado.

DR. BROCHARDO.

Mas até aqui não vejo cousa, que a deva angustiar.

GENOVEVA.

Deixe-me concluir. Meu marido, apesar das expressas e terminantes ordens do pai, concebeu por mim uma grande paixão, e como era excessivamente honesto para seduzir-me e perder-me, propoz-me um casamento clandestino, que aceitei, consultando só a minha vontade.

DR. BROCHARDO.

Pois não tinha pai, mãe, ou tutor ?

GENOVEVA.

Não, nada tinha. Orphã de mãe ao nascer, e de pai aos 12 annos, já havia sido julgada maior, quando me foi feita a proposta do Sr. Ferreira. Aceitei pois com transporte este casamento clandestino, e no oratorio de uma chacara no Engenho Velho, pelas 11 horas da noite de 26 de outubro de 1829 o padre Bartholomeu sanctificou a nossa união. Forão testemunhas d'este acto o major Joaquim Sarmiento de Freitas, que morreu u'uma viagem para a India, e o cirurgião Manoel Pereira de Lemos, que no anno seguinte foi para Moçambique, sem que mais houvessem noticias d'elle.

DR. BROCHARDO.

Mas ainda assim nada vejo, que a deva tanto assustar. O padre Bartholomeu existe, e a certidão do seu casamento deve infallivelmente estar registada em alguma parte.

GENOVEVA.

Eis onde está o seu engano. De que a certidão passou-se, não tenho a menor duvida; porque eu própria a vi lavrar, e assignar-se pelas testemunhas; porém meu marido para que o pai nunca viesse a saber d'esse consorcio, exigio de todos, debaixo de juramento, o mais profundo segredo, e nunca quiz que se fizesse assentamento, ou registo algum da certidão, dizendo que sempre seria tempo.

DR. BROCHARDO.

Mas guardou-a, e ella deve existir em alguma parte.

GENOVEVA.

Onde porém, foi o que nunca me disse. Em quanto meu sogro viveu, existimos sempre separados, e mesmo em todas as transações, que meu marido fazia, dava-se por solteiro para não divulgar-se o casamento, e não attrahir assim a colera do pai.

DR. BROCHARDO.

No entanto ha quatro mezes, que seu sogro morreu, e durante este tempo. . . .

GENOVEVA.

Meu marido procurava arranjar primeiro todos os negocios, em que eu, como sua mulher, deveria ter tido interferencia, queria mesmo destazel-os, ou rectificar-os, para então tornar publico o nosso estado, afim de que seu nome não soffresse commentarios e nem perigasse o seu credito: no entanto este ataque repetitivo, privando-o da falla e da razão, deixa-me na conjunctura a mais excepcional e terrivel.

DR. BROCHARDO.

Comprehendo agora a causa de suas apprehensões : com effeito ha para isso sobrado motivo, porém minha senhora, não se mortifique, o padre Bartholomeu vive ainda, e elle infallivelmente deve saber onde, existe esse precioso papel.

GENOVEVA.

E em quem fundo as minhas ultimas esperanças.



SCENA VI.

OS MESMOS E O PADRE BARTHOLOMEU, (*á porta do quarto.*)

BARTHOLOMEU.

Sra. D. Genoveva! o Sr. Ferreira, está exalando o ultimo suspiro. Acabo de resar-lhe as orações dos mortos.

GENOVEVA, (*dando um grito*).

Meu Deus! (*ao Dr. Brochardo*) Vamos, Sr. doutor, vamos para junto d'elle (*entrão ambos no quarto de Ferreira*).

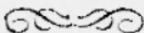
VIRGINIA, (*vindo de dentro*).

Ouvi um grito, e foi de minha mai! Sr. padre, onde está ella? (*Bartholomeu aponta para o quarto, e Virginia vai correndo para elle.*)

SCENA VII.

BARTHOLOMEU, (so).

Eis mais uma vida que se apaga sobre a terra !
eis mais um amigo de que a Providencia me priva ! *(choro)*
Para que fico agora n'este degredo, só, e desamparado,
se todas as minhas affeições tem ido desaparecendo uma
a uma? *(apontando para o quarto)*. Este era o derradeiro
apoio, que tinha o pobre velho n'este mundo ! . . .
era o meu unico amparo ! . . . depois de sua morte,
quem mais se recordará do invalido ancião, nascido e
educado com costumes de outras eras? Oh! meu Deus!
se fosse de vosso divino agrado, que n'este momento fin-
dasse a minha ardua perigrinação por este valle de la-
grimas, quão feliz me julgaria? *(reflectindo)* porém . . .
não . . . senhor! não me oueis por vossa infinita bon-
dade! O passamento d'este homem me lega deveres
muito sagrados, tenho em minhas mãos a honra e o
porvir d'essa boa familia, e não consintaes, que desca
à sepultura este meu corpo, já enfraquecido, sem pri-
meiro entregar o deposito, que me foi confiado, sem ter
cumprido até o fim tão respeitavel missão. *(quer andar
e o consegue com dificuldade)*. mas o que é, que sinto? . . .
as pernas estão sem movimento ! . . . a cabeça me anda á
roda ! . . . a luz me foge ! . . . meu Deus ! . . . soccorro !
(cabe no fundo da scena sem sentidos).



SCENA VIII.

BARTHOLOMEU, *(caído no fundo da scena)* O Dr. BROCHARDO, GENOVEVA E VIRGINIA *(sahindo do quarto)* GENOVEVA *vem em pranto encostada no hombro da filha, que tambem chora, e sustentada pelo doutor*).

Dr. BROCHARDO. *(com voz branda e melancolica)*.

Animo, minha senhora: coragem! Não se afflija por tal modo! Não vê que assim compromette sua saude sem remediar o mal?

GENOVEVA, *(desesperada e suffocada em pranto)*.

E que importa a minha saude, quando elle acaba de expirar? A morte para mim n'este momento seria o maior dos bens.

Dr. BROCHARDO

E esta pobre orphã, que chora a seu lado? O que seria d'ella, se tambem lhe faltasse sua mãe?

GENOVEVA *(redobrando o pranto)*.

Minha filha! *abraça-se com ella caído em uma cadeira, Virginia ajoelha-se e deita a cabeça no collo*) tu estás orphã, desgraçada, e eu... eu viuva! ambas perdemos o unico amparo e protecção que no mundo tinhamos!

Dr. BROCHARDO.

Mas ainda ficou Deus. Não se vêla sobre todos; e jámai deixa de proteger aos que se a elle recorrem! Vamos.

suas lágrimas são justas, deixe-as cair, não me opponha: mas quesejão lágrimas de saudade, que metigão a dôr, e não as do desespero, que a exacerbão. Senhora D. Virgínia, como mais moça e em quem deviso mais coragem, ajude-me a levar sua mãã para o quarto (*a Genoveva*) Tenha paciencia minha Senhora, ao menos n'isto obedeca-me (*Genoveva deixa-se levar como insensivel, o doutor e Virgínia a sustentão, mas quando deo os primeiros passos avistão o Padre Bartholomeu cahido.*)

GENOVEVA (*dando um grilo.*)

Ah ! morto ! (*recua e cahe sobre uma cadeira.*)

VIRGINIA (*correndo a ella e abraçando-a.*)

Minha mai !

Dr. BROCHARDO (*que tem examinado Bartholomeu.*)

Não, não está morto ! é apenas um ataque, ainda pôde ser salvo. Oh lá ! criados ! (*chamando para o fundo.* venhão cá fora. *dois criados apparecem*) Carreguem-no para o seu quarto. (*os criados obedecem*) Vou ver (*falando a Genoveva*) se o torno a chamar á vida.

GENOVEVA

Sim, Sr. doutor. se este homem morre, minha ruina é infallivel.



SCENA IX.

GENOVEVA E VIRGINIA

GENOVEVA.

Meu Deus, quantos golpes a um tempo ! E haveis de permittir, Senhor, que uma creatura, que viveu sempre em vossa creença, que sempre obedeceu, e respeitou vossos sagrados mandamentos. fique assim no mundo sem nenhum meio de provar a sua verdade, e exposta a quantas calumnias lhe quizerem urdir ? oh ! isto seria muito sofrimento, e eu não vos tenho tanto offendido para merecer tao acerbo castigo !

VIRGINIA

Mamai, não se affija por este modo ! *(abrçando-a)* Deus é pai, e não nos hade deixar no desamparo.

GENOVEVA

Se tu souesses que fucturo horrivel nos águarda ? Se o Padre Bartholomeu succumbir, meu casamento com teu pai podera ser posto em duvida, e até mesmo a tua condição de filha !

VIRGINIA

Meu Deus ! mamai, assim está me assustando ! vamos, vamos para seu quarto, que aqui estou com muito medo.

GENOVEVA

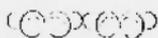
Não me é possível, sem ter novas do padre Bartholomeu. Vai, minha filha, corre aonde elle está, inquire o doutor e vem depressa dizer-me, se elle vivirá.

VIRGINIA

Sim, mamai, já vou (*vai-se*).

GENOVEVA

Seus parentes talvez queirão aproveitar-se d'esta circumstancia; e se assim fôr, minha desgraça será inevitavel. Mas esta menina não volta?..... estou n'um desasocego?..... eu mesmo vou..... (*teranta-se e dirige-se para o fundo.*)



SCENA X.

GENOVEVA, JERÓNIMO E ROBERTO.

JERONIMO.

Um instante, minha senhora. Acabão de dizer-me que meu cunhado expirou; será verdadeira tão infausta noticia?

GENOVEVA (*chorando*).

Ah! por minha infelicidade é mais que verdadeira!

GERONIMO.

N'este caso o remedio é resignar-mo-nos com os decretos da Providencia, e procurar cumprir em tudo e por tudo as ultimas vontades do defunto.

GENOVEVA.

Oh! a molestia nao lhe deu tempo para manifestal-as.

Cabindo mortalmente desde o principio com um ataque cerebral, nunca mais recuperou, nem a falla, nem a razão.

JERONIMO.

Mas antes ? era natural que tivesse feito testamento, e por elle então.....

GENOVEVA.

Nunca o quiz fazer : muitas vezes me disse, que esperava por liquidar os seus negocios, e que então, já publico o nosso casamento, todos os seus bens me pertencião, e à sua filha, não havendo por tanto precisão de testamento.

JERONIMO.

E onde parão os titulos, que provão o seu casamento, uma vez que não constão em parte alguma ? É necessario exhibi-los para assegurar os seus direitos.

GENOVEVA.

Ignoro, e o padre Bartholomeu, o unico que nos podia guiar n'este laberintho, acaba de perder os sentidos com um ataque de apoplexia.

ROBERTO (*baixo a Jeronimo*).

Em sua idade é morte certa, e por elle nada mais temos a receiar.

JERONIMO (*com sorriso de compaixão*).

Senhora D. Genoveva, ha certas conjuncturas na vida, em que a franqueza, embora nos ollenda, é preferivel á mentira, que mancha os labios de quem a profere.

GENOVEVA (*sorpresa*).

Que quer dizer, senhor ?

JERONIMO — *com sorriso de incredulidade* .

Que meu cunhado nunca foi casado .

GENOVEVA (*como ferida de um raio*).

Nunca foi casado !!! supremo Deus de bondade, e consentis, que impunemente se me faça um semelhante ultraje ?

JERONIMO.

Deixemo-nos de grandes gritos, e de exclamações superfluas . . . Fallemos como bons amigos. Se meu cunhado se tivesse casado, toda mesmo no maior segredo do mundo, um qualquer documento teria existido para comprovar a sua união : no entanto nenhum papel, nenhum assento, nenhuma lei branca se encontra, que á semelhante cousa se refira. Demais, esse casamento deveria ser feito por um sacerdote, deverião ter existido testemunhas ; onde estão ellas ? são vivas ou mortas ? . . . Diga . . . diga ao menos quem foi que os casou.

GENOVEVA.

O Sacerdote, que nos unio perante os altares, felizmente ainda vive, o Deus não hade consentir que elle desca ao tumulto, sem haver primeiro declarado toda a verdade.

JERONIMO.

Pois bem, elle que appareça, elle que nos convença de que meu cunhado foi casado e nenhuma duvida mais nos restará

Y 2972. 591 220 48/17/2000

GENOVEVA (*desesperada*).

Meu Deus ! e é n'este momento que elle se acha sem sentidos ! (*a parte*) Que será de mim, se elle expira ?

JERONIMO (*com solemnidade*).

Senhora, meu cunhado morreu, e o lugar, e a occasião são mal escolhidos para estas alteações. Temos de dar sepultura ao seu cadaver, e é indispensavel que cuidemos d'isso. Em quanto não houver uma prova authentica de seu casamento, permittirá que a consideremos uma intrusa, e que tanto eu, como meu sobrinho tomemos posse de todos os bens, visto sermos os unicos herdeiros.

GENOVEVA.

Que! senhor, pois atreve-se?... .

JERONIMO.

Nossa resolução está tomada, seremos inflexiveis.

ROBERTO.

A lei nos protege, e queremos fazer valer nossos direitos.

GENOVEVA.

Mas isto é o requinte da perversidade ! ! o cumulo da infamia ?

JERONIMO.

Será o que quizer ; porém mesmo por causa da moral e decencia publica, não podemos soffrer, que esteja com as nessas familias a concubina de meu cunhado

ROBERTO.

Isto é claro.

GENOVINA *(desesperada)*.

Concubina! eu concubina! Meu Deus! onde estão os vossos raios, que os raios fulminantes agora? Se não punis de prompto, senhor, tão grande iniquidade, chegarei a duvidar da vossa justiça! Eu concubina! eu considerada como uma mulher sem honra! ah! isto é peor do que morrer, e meu corpo, já alquebrado, não pôde mais supportar este golpe! ah! *dá um grito e cede sobre uma cadeira*.



SCENA XI.

OS MESMOS VIRGINIA E LOGO DEPOIS O DR. BRO-
CHARDO.

VIRGINIA *(correndo)*.

Mamã! *(vendo-a destral cida)*. Céos! que tem ella?
(vem examinal-a) Está toda fria! *(corre para o fundo)*.
Sr. doutor, Sr. doutor, acuda depressa, que mamã
morre.

DR. BROCHARDO *(vindo apressado)*.

O que foi? o que a conteceu?

VIRGINIA.

Mamai, que desmaiou.

DR. BROCHARDO (*examinando-a.*)

Isto mesmo era de esperar ; uma natureza debil, como a sua, angustiada por tantas emoções e tão grande lida, havia por força de ceder.

VIRGINIA (*muito assustada.*)

Está em perigo ?

DR. BROCHARDO.

Um simples deliquio. Vai já tornar a si (*dá-lhe um vidro a cheirar, que tira do bolso. Geneveva começa a mover-se.*) Eil-a, que recupera os sentidos.

GENOVEVA (*passando a mão na testa.*)

O que foi que tive ? Parece-me que fui presa de uma horrivel pesadello ?

DR. BROCHARDO.

Não, minha senhora, é a natureza que se ressent de abusos que com ella se pratica. E' -lhe absolutamente indispensavel tomar algum descanso, do contrario, a fé de medico lhe asseguro, que comprometterá a sua saude, e talvez a sua vida. Vamos..... venha para o seu quarto.

JERONIMO.

Queira perdoar, Sr. doutor, esta senhora não pôde ficar aqui.

DR. BROCHARDO.

Melhor fôra na verdade que pudesse ir para bem longe dos objectos, que a cada momento lhe recordão a perda que acaba de soffrer; porém que quer? uma mal entendida etiqueta exige, que a viuva não se ausente da casa, onde expirou seu marido, antes de sahír o cadaver para ser dado á sepultura, e portanto força é ficar.

JERONIMO.

Mesmo por causa da etiqueta, ou antes da decencia e bons costumes, é que ella se deve ausentar.

DR. BROCHARDO.

Não posso comprehender.

JERONIMO.

Pois eu me explico em poucas palavras. Na qualidade de parente o mais chegado do morto, tenho de para aqui trazer minha mulher e minhas filhas, a fim de receberem os pesames, e é portanto bem de ver que, nem minha mulher, nem minhas filhas podem estar em companhia de uma pessoa, que nunca foi casada.

DR. BROCHARDO.

Que nunca foi casada?!

JERONIMO.

Sim, que nunca passou de amante do morto.

DR. BROCHARDO.

o seu proceder, senhor, é de um miseravel, de um

vil, que nem ao menos respeita a dor sagrada d'esta infeliz senhora. Que razão tem para pôr em duvida o seu estado, e negar um casamento hoje por todos conhecido ?

JERONIMO.

Conhecido é o embuste.

ROBERTO.

A ser real deveria constar por qualquer forma; no entanto nada existe que faça d'elle menção.

DR. BROCHARDO.

Ah ! agora comprehendo ! Como o seu casamento foi clandestino, e o unico documento, que o pode provar, não apparece por em quaato, querem os senhores, embora assassinem tudo quanto ha de mais honesto e sagrado, esbulharem-na da herencia, e com ella locupletarem-se ! querem-no, a despeito de conspurcarem o caracter mais nobre e virtuoso, que por ventura existe ! Pois não contem com o triumpho. Primeiro que tudo, ha um Deos que vêla sobre os innocentes, e depois temos tribunaes, que não consentem, antes punem, tao infames ladroeiras.

JERONIMO E ROBERTO (*avançando em tom de ameaça.*)

Senhor !

DR. BROCHARDO (*segurando em uma cadeira.*)

Tenhão mão, aves de rapina ! abutres do inferno ! Inda que o numero seja desigual, não me intimidão. Fui amigo e respeitador d'esta nobre familia, e á custa da propria vida hei de defender a sua honra.

VIRGINIA (*agarrando-se a Geneveva.*)

Mamã, elles vão brigar.

GENOVEVA (*collocando-se entre os dous.*)

Sr. doutor, tenha prudencia.

DR. BROCHARDO.

Não se póde ter prudencia com semelhante gente : o seu cynismo revolta ao mais fleugmatico.

JERONIMO.

Não estamos para supportar os seus insultos, achamo-nos em nossa casa, e temos o direito de o fazer saber d'ella; retire-se quanto antes, e formule a sua conta para ser pago pelos bens da herança.

ROBERTO.

D'este modo evitão-se todas as questões.

DR. BROCHARDO.

Primeiro que eu saia, hão de vocês saber, raça vil de urubús! ou dar-lhes-hei a mais completa lição (*ajarra de novo em uma cadeira, e vai sobre Jeronimo, que recua*).

GENOVEVA (*segurando-o*).

Sr. doutor, pelo amor de Deos !

JERONIMO.

Ah' quer tornar-se valente ! Pois bem. (*a Roberto*)

Vamos já recorrer às autoridades, que darão providências, e veremos então quem vence (*cão sair*).

DR. BROCHARDO.

Vão para os Infernos, que é onde á muito já devião estar.

GENOVEVA (*á parte*).

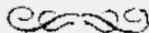
Recorrer as autoridades? mais um escandalo! oh! não tenho animo para tanto! . . . (*arauçando para Jeronimo*) Esperem senhores, esperem um momento! eu mais não insisto! . . . retiro-me, só quero tempo necessario para ir dar o ultimo osculo n'aquelle que me tornou feliz por tanto tempo

DR. BROCHARDO.

Como, senhora? pois cede?

GENOVEVA.

¶ de que por agora me serviria o relectar? Posso eu n'este momento provar o contrario, do que elles affirmão? doutor, ha um Deosque véla sobre todos, e a verdade ou mais tarde, ou mais cedo apparecerá. Esperarei resignada. Vem, Virginia, vem dizer o ultimo adeus ao teu desgraçado pai (*ambas entram no quarto*).



SCENA XII.

OS MESMOS EXCEPTO GENOVEVA E VIRGINIA.

DR. BROCHARDO,

O que os senhores acabão de praticar, é inaudito! é espantoso! e nem sei mesmo se no mundo apparecerá um outro exemplo de tanta malvadeza. No momento em que duas pobres senhoras acabavão de perder o que na terra mais presavão, no momento em que seus olhos arrasados de lagrimas denunciavão as dores de seu coração, virem ainda augmentar o seu tormento, dando-lhes os títulos os mais ignobeis e afrontosos! oh! isto nunca foi proprio de homens, e julgo até que no inferno os demônios não se poderão lembrar de tal martyrio! Porém não exultem! canibacs! não exultem, l que a sua victoria não será muito duradoura: uma nuvem carregada vai obscurecer por algum tempo a reputação sem mancha d'este anjo; mas dia virá, e espero, que não seja tardio, em que rehabilitada e mais brilhante do que nunca, servirá de confusão e de vergonha aos calumniadores, que ousão atacal-a; se é que indignos de tal especie, são susceptiveis de confundir-se e envergonhar-se.



SCENA XIII.

OS MESMOS, GENOVEVA E VIRGINIA (*ambas muito chorosas*).

GENOVEVA (*enchegando os olhos*).

Estamos promptas.

DR. BROCHARDO.

E para onde hirãõ?

GENOVEVA.

Não sei, para onde Deos quizer!

DR. BROCHARDO.

Dã-me a honra, senhora, de aceitar um modesto asylo em minha casa? móro só com minha velha mãi, e ella será tambem a sua.

GENOVEVA.

Ah! senhor! com muito reconhecimento. . . sim, vamos: livre-mo-nos o mais depressa possivel da presença d'estes homens.

DR. BROCHARDO (*dando o braço a ambas*).

Pois vamos, e d'esde este instante contem, não digo com um protector, porém com o mais devotado e respeitoso amigo. (*baixo a Geneveva.*) O padre Bartholomeu deve tambem vir: não convem deixal-o: elle será o nosso vingador (*vão-se pelo fundo*).



SCENA XIV.

JERONIMO E ROBERTO.

JERONIMO.

Graças que se forão! Assim mesmo custou a resolvel-as. Estavão agarradas como a estra á pedra.

ROBERTO (*á parte*).

Pobre Virginia! Quanto me custou supportar as suas lagrimas? (*ao tio*). Agora naturalmente vão propor-nos uma demanda, e sabe Deus quem a vencerá?

JERONIMO.

Ora ainda és muito innocente! Não vês que nossos direitos são claros? Demais ainda mesmo que assim não fosse, como ficamos de posse do bolo, estamos de melhor partido. Tratemos de dar providencias ao enterro, que por ora é o mais urgente (*vão-se para dentro*)

Fim do 1.º Acto.



o th
tra
à e
do

T
Sr.

S
mon
red

B
teuh
bene



ACTO II.

O theatro representa uma sala decentemente mobiliada. Portas de entrada no fundo. A' direita portas dos quartos de Genevêva e Virginia, à esquerda do espectador a do gabinete do Dr. Brochardo. Ao levantar do panno vem Antonio pelo fundo precedendo ao Procurador ESTEVÃO.

SCENA I.

ANTONIO

Tenha a bondade de assentar-se um instante, que o Sr. doutor já lhe vem fallar (*tai-se*).

ESTEVÃO

Sim, senhor, quando elle quizer, não faça comigo ceremonias (*assenta-se a uma cadeira, que está junto á mesa redonda*).



SCENA II.

ESTEVÃO (*só*).

Bom ! este anno vai-me correndo ás mil maravilhas ! tenho fido demandas a mais não poder ; e algumas d'ellas beno gordas ! Ora as vezes pondo-me a considerar na

minha vida, toda ella me parece um sonho ! Quem havia de dizer ha dez annos a esta parte, que eu acabaria por ser procurador de causas ! Dedicado d'estes tenros annos ao commercio, sem entender absolutamente nada d'estas chicanas, é para admirar que seja hoje no fóro um dos mais acreditados procuradores, e que até já ando por empenhos. Vejam o que são os resultados de uma bancarrota ! Comecei a principio por umas questõesinhas com os meus credores, e por economia e distracção eu mesmo as hia procurando; depois atraz das minhas vierão outras de alguns amigos, e o facto foi, que tomei gosto à bricadeira e ultimamente dou sota e az aos mais pintados, mesmo na letradice, porque faço muito bem os meus papeis. Com libellos, embargos, e razões finais não dou viuentem a ganhar aos taes meninos de S. Paulo, e como ha ainda alguns velhinhos de Coimbra, que a si não, o negocio passa, e o constituinte paga a conta, como se os papeis fossem feitos por Advogados. Assim é que é o viver, e tudo mais é historia (*passa*). Ora, sobre que sera esta nova causa, para que me forão chamar ? Seja sobre o que for, não me deve dar isto abalo: o que desejo é que seja injurta, porque a assim a paga será mais avultada. Estes meus senhores, quando tem justica, não se n'ella, e não dão mais que a rasa, e é bem de ver, que isto não pôde convir a um procurador da minha polpa.



SCENA III.

O MESMO e o Dr. BROCHARDO (*vindo do gabinete*).

Dr. BROCHARDO (*vindo para scena*).

Queira perdoar-me, meu caro Senhor, se fui obrigado a fazel-o esperar algum tempo. Estava occupado com o curativo de um doente, que não podia ser interrompido.

ESTEVÃO (*que o tem acompanhado*).

Essa é boa, meu senhor, comigo não faça cumprimentos.

DR. BROCHARDO.

Queira ter a bondade de assentar-se, que lhe desejo expor o negocio para que o incommedei *da-lhe uma cadeira*.

ESTEVÃO (*assentando-se*).

Muito obrigado.

DR. BROCHARDO *assentando-se tambem*.

De-me attenção.

ESTEVÃO

Sim, senhor, eu o escuto.

DR. BROCHARDO.

Primeiro que tudo faça o favor de dizer-me, que conceito fórma do Dr. Fulgencio ?

ESTEVÃO (*estendendo os labios*).

Hum ? (*com ar de fastio*) rutineiro, rutineiro ! Se bem que seja advogado muito antigo, esta com tudo avessado ás suas praticas carunchosas, e não tem acompanhado, como nós, os progressos da sciencia.

DR. BROCHARDO.

E do Dr. Paredes ?

ESTEVÃO.

Sabe direito ; porém tem o defeito de escrever cadernos, e cadernos de papel, de sorte que quaze ninguem lê os seus arrazoados.

DR. BROCHARDO.

A ter de escolher entre os dous ; por qual se decidiria ?

ESTEVÃO.

Em todo o caso pelo Dr. Fulgencio.

DR. BROCHARDO.

Estimo muito essa sua opção ; porque foi a quem escolhi para tomar conta da causa, que vou intentar ; (*servindo-se*) até mesmo porque é meu tio.

ESTEVÃO (*á parte*).

Oh ! diabo ! que fui dizer d'elle ?

DR. BROCHARDO.

Como o senhor tem de ser procurador, é muito conveniente, que seja elle de seu agrado.

ESTEVÃO.

E pôde V. S. dizer-me, sobre que é a demanda, que projecta ?

DR. BROCHARDO.

Sobre uma herança de que uns miseraveis se apropriarão.

ESTEVÃO.

Oh ! isso de heranças e testamentos, é negocio, que esta hoje muito em moda, é mais um genero de especulação, que se tem descoberto.

DR. BROCHARDO.

Sim, e diz bem, é uma verdadeira especulação, ou antes uma refinada ladroicia ; mas espero que os infames nao hao de gozal-a por muito tempo.

ESTEVÃO.

Isso lá depende. . .

DR. BROCHARDO.

De que ?

ESTEVÃO.

De pecunia. Se houver justiça, será preciso auxilia-la, senao houver, compral-a.

DR. BROCHARDO (*levantando-se e tambem Estevão*).

Sr. Procurador, nem pretendo, nem quero comprar a justiça; esse proceder seria iadigno de um homem que se presa, e demais é uma injuria, que o senhor está fazendo aos nossos magistrados, que aliás são respeitaveis pela sua honestidade.

ESTEVÃO.

Oh ! meu Deus ! e quem lhe falla agora dos magistrados ? Para que quer V. S. confundir as couzas ? Eu falei-lhe da justiça e não de quem a administra. Todos sa-

ESTEVÃO.

Sabe direito ; porém tem o defeito de escrever cadernos, e cadernos de papel, de sorte que quaze ninguem lê os seus arrazoados.

DR. BROCHARDO.

A ter de escolher entre os dous ; por qual se decidiria ?

ESTEVÃO.

Em todo o caso pelo Dr. Fulgencio.

DR. BROCHARDO.

Estimo muito essa sua opção ; porque foi a quem escolhi para tomar conta da causa, que vou intentar; (*sorridendo-se*) até mesmo porque é meu tio.

ESTEVÃO (*à parte*).

Oh ! diabo ! que fui dizer d'elle ?

DR. BROCHARDO.

Como o senhor tem de ser procurador, é muito conveniente, que seja elle de seu agrado.

ESTEVÃO.

E pôde V. S. dizer-me, sobre que é a demanda, que projecta ?

DR. BROCHARDO.

Sobre uma herança de que uns miseraveis se apropriarão.

ESTEVÃO.

Oh ! isso de heranças e testamentos, é negocio, que está hoje muito em moda, é mais um genero de especulação, que se tem descoberto.

DR. BROCHARDO.

Sim, e diz bem, é uma verdadeira especulação, ou antes uma refinada ladroecira ; mas espero que os infames não hao de gozal-a por muito tempo.

ESTEVÃO.

Isso lá depende. . . .

DR. BROCHARDO.

De que ?

ESTEVÃO.

De pecunia. Se houver justiça, será preciso auxiliar-a, senão houver, compral-a.

DR. BROCHARDO (*levantando-se e tambem Estevão*).

Sr. Procurador, nem pretendo, nem quero comprar a justiça; esse proceder seria indigno de um homem que se presa, e demais é uma injuria, que o senhor está fazendo aos nossos magistrados, que aliás são respeitaveis pela sua honestidade.

ESTEVÃO.

Oh ! meu Deus ! e quem lhe falla agora dos magistrados ? Para que quer V. S. confundir as conzas ? Eu fallai-lhe da justiça e não de quem a administra. Todos sa-

bem que a justiça é cega, e não podendo vêr, só se leva pelo que ouve (*faz signal de som de dinheiro*). Pelo que observo V. S. nunca teve demandas?

DR. BROCHARDO.

Felizmente nunca.

ESTEVÃO.

Por isso falla d'essa maneira. Proponha esta, e depois de algum tempo então me dará novas.

DR. BROCHARDO (*á parte*).

O pensar d'este homem me encommoda, certo que me enganei com seu character.

ESTEVÃO (*á parte*).

Diabo! se começa todo o mundo a persuadir-se de que os juizes não comem, lá se vão os nossos melhores rendimentos.

DR. BROCHARDO (*á parte*).

No entanto foi-me inculcado como grande cousa! Se o despeço, talvez venha outro peor, e assim o melhor é já agora ficar com elle (*alto*). Bem, senhor Estevão, muito bem! não duvido da verdade de tudo quanto me ha dito, e como me assevera, que o dinheiro é o principal. . . .

ESTEVÃO.

E' o azeite, que se dá nas molas, para fazer andar o carro.

DR. BROCHARDO.

Elle não será muito; mas sempre hade haver para o necessario.

ESTEVÃO.

Pois isso é meio caminho andado. V. S. quer que vamos á caso do advogado?

DR. BROCHARDO.

Não é preciso. Elle ficou de vir aqui, visto ter necessidade de algumas explicações, que lhe ha de dar a pessoa que tem de ser autora.

ESTEVÃO.

Pois não é V. S.?

DR. BROCHARDO.

Não, é uma senhora viuva.

ESTEVÃO.

Coitada! Com ellas fazem-se sempre negocios de grão-capitão.

ANTONIO (*da porta*).

Está ahí o Sr. Dr. Fulgencio.

DR. BROCHARDO.

Chegou muito a tempo, dize-lhe que entre, e vai pedir a Sra. D. Genoveva, que faça o favor de vir cá fóra (*o criudo vai-se*).

ESTEVÃO (*à parte*).

O tal Dr. Fulgencio ainda é d'esses, que se confessão, e que tem medo do inferno. Já se vê portanto que com elle nem poderei lucrar, nem mesmo fazer boa liga.



SCENA IV.

OS MESMOS E O DR. FULGENCIO.

DR. FULGENCIO.

Ora aqui me tens, meu sobrinho. Confesso-te que não foi sem custo, que sahi do escriptorio, porque havião muitas partes á consultar-me.

ESTEVÃO (*à parte*).

Quer vender o peixe caro.

DR. BROCHARDO.

Pois eu sinto bem, que isso lhe causasse o menor transtorno. Aqui está o Sr. Estevão, que é o nosso procurador.

DR. FULGENCIO.

Ah! é o Sr. Estevão! (*a Estevão*). Meu sobrinho queria que eu lhe visse um procurador de minha confiança; mais declinei de mim tal escolha. Nunca gostei de inculcal-os. As partes que os contractem, porque, se se derem mal, não se hão queixar do advogado.

ESTEVÃO.

Isso é obrar com muita prudencia !

DR. FULGENCIO.

Ao menos não me tenho arrependido de seguir este systema. Sei que alguns dos meus collegas modernos praticão o contrario, e até se me tem querido provar a vantagem de semelhante pratica, mas já agora hei de acabar, como principiei. Ainda sou do tempo da ordenação do livro 5º.

ESTEVÃO.

Carrança ! está bem visto !



SCENA V.

OS MESMOS E GENOVEVA, (*vestida de luto*).

DR. FULGENCIO E ESTEVÃO (*comprimentando-a*).

Minha senhora !

DR. BROCHARDO (*offerecendo uma cadeira*).

Assente-se . . . Sra. D. Genoveva . . . assente-se para aqui (*Genoveva assenta-se, tendo o Dr. Fulgencio à direita. Esterão a esquerda, e o Dr. Brochardo junto do Dr. Fulgencio.*)

GENOVEVA.

V. S. ha de perdoar tantos encommodos.

DR. FULGENCIO.

Não fallemos n'isso. Quer por causa das recommendações de meu sobrinho, quer mesmo por seu respeito, considero este negocio, como meu proprio; portanto já ve que tudo quanto for humanamente possível, far-se-ha, custe o que custar, e nem tem de que me ficar agradecida.

GENOVEVA.

Tanta bondade!

DR. FULGENCIO.

Está bom, vamos ao fim que aqui me trouxe, ás informações. Ha quanto tempo está viuva?

GENOVEVA.

Fazem 4 mezes no dia 17 do corrente.

DR. FULGENCIO.

E em todo este tempo os parentes de seu marido não a tem procurado? não lhe tem feito alguma proposta?

GENOVEVA.

Não senhor, nem mesmo tenho ouvido fallar d'elles.

DR. FULGENCIO (*á parte*).

Mau signal! (*alto*). Quantos mezes morou na mesma casa com seu marido?

GENOVEVA.

Cerca de. . . quatro. Somenté vim para a sua companhia depois da morte de meu sogro.

DR. FULGENCIO.

E . . . n'esse periodo não hião á sua casa algumas pessoas, . . . que ouvissem seu marido dar-lhe o tratamento de esposa ? a quem elle mesmo contasse essa particularidade de sua vida ?

GENOVEVA.

Só os seus proprios parentes ; mas esses são hoje contra mim.

DR. FULGENCIO.

O padre, que a casou, a p'sar de lezo do juizo, por entre os seus desatinos, não diz alguma cousa, não dá algum indício, que tenha relação com o seu negocio ?

DR. BROCHARDO.

Qual ? depois do ataque de apoplexia, que soffreu, pude conseguir chamal-o á vida ; mas ficou doido varrido ; e hoje sua principal mania é enxergar santos e oratorios por toda a parte.

DR. FULGENCIO.

Seria possivel vê-lo ?

DR. BROCHARDO.

Porque não ? (*en' para o fundo*). Sra. D. Virginia ! veja se consegue trazer o padre Bartholomeu cá fóra (*colta para a scena*). E' a unica, a quem elle obedece.

DR. FULGENCIO.

As vezes qualquer pequena cousa, qualquer circums-

tancia, que parece insignificante, pôde dar-nos um fio, por onde descobramos grandes mysterios, e tenho um presentimento, de que será com o auxilio d'esse infeliz desassisado, que alcançaremos a verdade.

DR. BROCHARDO.

Sim, muitos doidos em seus desvarios conservão os habitos, que têm em goso de sua intelligencia; e então bem estudados, pôde ser que . . .

DR. FULGENCIO.

Elle que chega.



SCENA VI.

OS MESMOS, PADRE BARTHOLOMEU (*conduzido por Virginia*).

DR. FULGENCIO (*a Virginia*).

Traga-o para aqui, minha senhora. para esta cadeira (*Virginia o conduz e o faz assentar*). Muito bem: agora deixem-mo fazer-lhe algumas perguntas (*ao padre*). Então como vai Sr. padre Bartholomeu?

PADRE BARTHOLOMEU.

Que horas são? Os gallos já cantarão, e não quero coiar, porque tenho de dizer missa.

DR. FULGENCIO.

Ainda é muito cedo: falta ainda muito para amanhecer.

PADRE BARTHOLOMEU.

O Sr. Ferreira não gosta de esperar. Olhem... já está de pé, e ali vem elle conversar comigo... Nada... nada... quero fechar a porta do quarto (*levantando-se*) mas antes... a oração do costume (*vai andar, e Virgínia quer impedir.*)

DR. FULGENCIO.

Deixe-o, minha senhora, deixe-o livremente, porque assim é preciso. (*Bartholomeu vai para o lado direito, chegando em frente á parede, ajoelha, como fazendo oração, depois levanta-se, estende a vista, como se quizesse ver alguma cousa no fundo d'essa parede, benze-se e diz:*)

PADRE BARTHOLOMEU.

Não ha novidade! Seja Deus louvado! (*todos o observão áttentamente.*)

DR. FULGENCIO (*hindo para junto d'elle.*)

Diga-me, Sr. padre, conheceu a Sra. D. Geneveva?

PADRE BARTHOLOMEU.

Geneveva? não! Minha mãe chamava-se Luiza; porém n'um dia desapareceu, e depois só vi duas aranhas muito grandes, que parecião duas folhas doiradas.

DR. BROCHARDO.

O que se lhe pergunta, é, se conhece a Sra. D. Geneveva, casada com o Sr. Ferreira.

PADRE BARTHOLOMEU.

O Sr. Ferreira está dando esmolas ; é muito bom homem, mas nao quer que eu saia d'aqui.

DR. BROCHARDO.

E' escusado ; nada se pôde colher do que elle diz : é uma sequencia de desatinos, que até faz afflicção ouvil-os.

DR. FULGENCIO.

Com effeito ! está mais desarranjado do que suppunha ! D'esta maneira não sei o que fazer. Se Deus não vier em nosso auxilio, estamos muito mal.

ESTEVAO (*ao Dr. Fulgencio.*)

Sr. Dr., V. S. é um homem da sciencia, não ha duvida, e por isso um pobre leigo, como eu, não deveria abrir a boca em sua presença ; com tudo pesso perdão para dizer alguma cousa sobre este mesmo negocio.

DR. FULGENCIO.

Pois não... fallo. A's vezes os senhores tem bem boas lembranças.

ESTEVAO.

Pelas perguntas que V. S. fez, e respostas que obtive, vim no conhecimento de que esta senhora foi casada ; mas que não existe documento algum, que o prove. Não se poderia dar d'isso uma justificação, e abrir-se depois o assento em virtude d'ella ?

DR. FULGENCIO.

E não ouviu a mesma senhora dizer que as unicas pessoas, que sabião de tal casamento, erão os seus proprios parentes, que hoje lhe fazem guerra ?

ESTEVÃO.

Ouvi, sim, porém não se poderião arranjar outras pessoas, que jurassem aquillo, que nós quizessemos ? Com experto, experto e meio.

DR. FULGENCIO.

Tal proposta, Sr. Estevao, é indigna de um homem de bem, e não era certamente n'este circulo, onde o senhor deveria ter uma tão singular lembrança.

ESTEVÃO.

Está bom, Sr. doutor, está bom, não precisa zangar-se. Retiro o que disse; já não está aqui quem fallou (*a parte*). E esta ? ficou todo inflamado, como se o que eu propuz fosse uma bicha de sete cabeças !

GENOVEVA.

Então que acha Sr. doutor ?

DR. FULGENCIO.

Que por ora não devemos tentar cousa alguma. Cumpre esperar a ver se alguma circumstancia nos orienta. No entanto impetro permissão para vir vel-a a miudo, e mesmo estar com o padre Bartholomeu. Ainda não perdi de todo a crença, de que será elle, quem nos ha de dar o fio d'esta meada.

GENOVEVA.

Quando quizer, dar-me-ha sempre muito prazer.

DR. FULGENCIO.

Obrigado. Agora conceda-me licença para retirar-me. Ainda tenho algumas partes, que ir despachar. Minhas senhoras (*comprimenta*)... Meu sobrinho... adeus (*aperta-lhe a mão*) viva, Sr. Estevão (*faz-lhe um ligeiro cumprimento e retira-se, o Dr. Brochardo vai acompanhá-lo á escada*).



SCENA VII.

O MESMO, EXCEPTO O DR. FULGENCIO.

ESTEVÃO (*a Genoveva*).

Não é com este, minha senhora, que ha de vencer a sua demanda; tem consciencia de mais para ser um bom advogado. Vejam que difficuldades está elle pondo em um negocio tão simples!...

GENOVEVA (*com interesse*).

Como assim?

ESTEVÃO.

Bastava arraujar-mos um testamento, o que com facilidade se conseguiria.

DR. BROCHADO (*que tem ouvido as ultimas palavras*).

Está bom, a senhora dispensa os seus serviços, e ainda mais os seus conselhos. Quando quizer, pôde retirar-se, que será indemnizado do encómmodo, que teve.

ESTEVÃO.

Isso é o mesmo, que dizer, que me ponha no olho da rua? pois bem, retiro-me; eis a paga de... lhes dar um salutar conselho, sejam muito felizes; com tudo antes de me ir embora, para desencargo de minha consciencia, sempre quero dizer-lhes, que a continuarem com este systema de escrupulos... hão de vencer a demanda, quando as galinhas tiverem dentes (*vai-se*).



SCENA VIII.

OS MESMOS, EXCEPTO ESTEVÃO.

DR. BROCHADO.

E é isto um procurador de causas? É um homem a quem centenaes de familias confiam seus capitaes, e seus direitos! Oh! de quanta vantagem seria, que a policia fosse muito vigilante com estas aves de rapina! Vejão o que nos veio propôr! Indigno! não sei como me contive, que o não atirei pela janela fora. Sem duvida suppoz-nos tão bons, como elle! Felizmente retirou-se a tempo, que o sangue em borbotões já me subia á cabeça.

GENEVEVA.

Acalme-se, não se allija mais; procure esquecer tudo o que elle disse.

DR. BROCHARDO.

Tem razão. O mundo está cheio d'esta gente, e não hei de ser eu, que o hei de expurgar ; tanto mais, que segundo dizem, ha quem se aproveite de laes infamias. Sra. D. Genoveva, são horas da minha clinica e devo ir ver os meus doentes : assim conceda-me licença. Trate de distrahir-se, não se entregue sómente a seus pesares, e lembre-se de que seus amigos achão-se em campo em seu favor.

GENOVEVA.

Sei quanto lhe devo, e por isso incessantemente rogo ao céo, que o encha de seus beneficios.

DR. BROCHARDO.

Pouco tardarei.

GENOVEVA.

Adeos, Sr. doutor (*o Dr. vai-se pelo fundo*).

GENOVEVA (*a Virginia*).

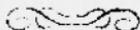
Virginia, conduz o padre para o seu quarto (*Virginia pega na mão de Bartholomeu e o vai levando.*)



SCENA IX.

GENOVEVA (*so*).

Recommendar-me que me distraia ? que não me entregue aos pesares ? Quanto isto é facil de dizer; mas difficil de cumprir ! Que não me entregue aos pesares... como se eu podesse tirar a causa do pensamento? como se tudo que me cerca não viesse avival-a a cada momento?... Ainda assim sou demasiadamente forte por não ter succumbido, que outra qualquer em meu lugar, não teria valor para tanto. Viver sempre cercada de considerações e de respeito, ser tida em conta de uma senhora honesta, e de repente ver-me lançada no rol das mulheres perdidas, privada de tudo que me pertencia, e na contingencia de viver por lares estranhos, recebendo os favores d'este homem bom, e generoso, que tem sido o meu único amparo ! oh ! tudo isto é para estalar de desesperação ! E quando penso na minha pobre Virginia, n'essa filha tão querida, que veio ao mundo no centro da opulencia, que foi criada com todos os regalos, e que hoje, pelas circumstancias, vê-se limitada ao simples necessario... quando penso em seu futuro... no que ha de vir a ser d'ella, se eu succumbir, . . . se lhe faltar ! . . . então desfaleço completamente. Ella apezar de criança, parece que vai comprehendendo o seu triste estado, porque ha tempos a esta parte anda melancolica, taciturna, e como que se tem desbotado as rozas de suas faces. Coitadinha ! a reflexão lhe chega, e com ella todo o horror de nossa actual situação !



DR. BROCHARDO.

Tem razão. O mundo está cheio d'esta gente, e não hei de ser eu, que o hei de expurgar ; tanto mais, que seguindo dizem, ha quem se aproveite de taes infamias. Sra. D. Geneveva, são horas da minha clinica e devo ir ver os meus doentes: assim conceda-me licença. Trate de distrahir-se, não se entregue somente a seus pesares, e lembre-se de que seus amigos achão-se em campo em seu favor.

GENOVEVA.

Sei quanto lhe devo, e por isso incessantemente rogo ao céo, que o encha de seus beneficios.

DR. BROCHARDO.

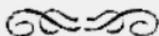
Pouco tardarei.

GENOVEVA.

Adeos, Sr. doutor (*o Dr. vai-se pelo fundo*).

GENOVEVA (*a Virginia*).

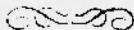
Virginia, conduz o padre para o seu quarto (*Virginia pega na mão de Bartholomen e o vai levando*).



SCENA IX.

GENOVEVA (*sol.*).

Recommendar-me que me distraia ? que não me entregue aos pesares? Quanto isto é facil de dizer; mas difficil de cumprir! Que não me entregue aos pesares... como se eu pudesse tirar a causa do pensamento? como se tudo que me cerca não viesse avival-a a cada momento?... Ainda assim sou demasiadamente forte por não ter succumbido, que outra qualquer em meu lugar, não teria valor para tanto. Viver sempre cercada de considerações e de respeito, ser tida em conta de uma senhora honesta, e de repente ver-me lançada no rol das mulheres perdidas, privada de tudo que me pertencia, e na contingencia de viver por lares estranhos, recebendo os favores d'este homem bom, e generoso, que tem sido o meu unico sustento! oh! tudo isto é para estalar de desesperação! E quando penso na minha pobre Virginia, n'essa filha tão querida, que veio ao mundo no centro da opulencia, que foi criada com todos os regalos, e que hoje, pelas circumstancias, vê-se limitada ao simples necessario... quando penso em seu futuro... não que ha de vir a ser d'ella, se eu succumbir, . . . se lhe faltar! . . . então desfaleço completamente. Ella apesar de criança, parece que vai comprehendendo o seu triste estado, porque ha tempos a esta parte anda melancolica, taciturna, e como que se tem desbotado as rozas de suas faces. Coitadinha! a reflexão lhe chega, e com ella todo o horror de nossa actual situação!



SCENA X.

A MESMA E VIRGINIA (bordando uma chinnella de talagarça.)

VIRGINIA.

Mamai, lá dentro a chamão. Creio que é para dar certas providencias.

GENOVEVA.

Já vou. Exigi da mãe do doutor, nosso bom hospede, que me confiasse o governo de sua casa, porque quero ao menos ser-lhe util em alguma cousa. Assim desejo que tudo se faça em minha presença. Tu vens, Virginia?

VIRGINIA.

Sim, mamai, já vou (*Genoveva vai-se.*)



SCENA XI.

VIRGINIA (*só.*)

Não sei porque ; mas ultimamente agrada-me estar só, e pensar comigo mesmo? Antes de papai morrer. antes mesmo de vir para aqui, gostava de brincar com meninas de minha idade, de rir com ellas, porque sempre tive um genio muito alegre ; agora porém ando sempre triste, e tomara até que ninguem falle comigo.. Ninguem?

oh ! isto não é exacto. Quando me falla o Sr. Dr. Brochardo, acho prazer, e algumas vezes ao ouvir o som de sua voz, sinto certo tremor interno e o coração bater-me com desusada violencia (*assustada.*) Oh ! meu Deus, será isto amor ? As minhas camaradas, mais velhas do que eu, me asseguravão que o coração batia com mais força, quando se tinha amor ! e será isto em mim ? . . . não póde ser . . . ainda não tenho idade para amar. Mamai diz sempre que as moças nunca devem casar antes dos 18 annos, e eu então que ainda não fiz 15, tenho mais de 3 annos a esperar, e uma moça honesta só deve amar para casar (*passiva.*) Como está ficando bonita esta chinella ! E' para offerece-la ao doutor no dia de seus annos, e não sei como acabal-a, pois só faltão 7 dias. E' preciso trabalhar sempre. Estou que elle ha de estimal-a, assim como mostra estimar o lenço que lhe bordei. Olha-me sempre de uma maneira, que me faz corar sem o querer ! Se elle me tivesse amor, estou que, apezar de eu ainda não ter a idade precisa, tambem havia de responder-lhe (*passiva.*)



SCENA XII.

A MESMA, JERONIMO E ROBERTO.

JERONIMO (*á porta, baixo a Roberto.*)

Está sómente a filha.

ROBERTO.

Não importa, entremos.

JERONIMO.

Bons dias, minha senhora.

VIRGINIA.

Ah ! (*assenta-se.*)

JERONIMO.

Não se assuste, sou eu, não me conhece ? sou seu tio, cunhado de seu fallecido pai.

VIRGINIA.

Meu tio ? o senhor foi o primeiro a dizer, que meu pai nunca foi casado.

JERONIMO.

Mas isso que tem ? Por elle não ser casado, não se segue que a senhora não seja sua filha . . . natural, hem entendido, e não reconhecida, e por tanto sempre sou seu tio.

VIRGINIA.

E' muita honra que o senhor me quer fazer.

ROBERTO.

E que a prima naturalmente despreza ?

VIRGINIA.

Não estou em circumstancias de desprezar cousa alguma.

JERONIMO.

E porque ?

VIRGINIA.

Porque sou muito desgraçada (*chora.*)

ROBERTO (*bairo a Jeronimo.*)

Meu tio, ella chora! e isto me commove! Acho-a agora mais bella do que nunca.

JERONIMO (*bairo.*)

Tem prudencia: com quanto este casamento viesse de algum modo segurar nossa fortuna, cumpre não mostrar fraqueza (*alto.*) Não chore, menina, não chore, que o caso não é para tanto. Se uma sorte adversa por algum tempo a perseguio, breve devem rajar, quer para a senhora, quer para sua mãe, dias mais risinhos e felizes (*Virginia olha-o muito admirada.*) Sim, o que digo, não é uma vã esperança. A ventura, ou o infortunio estão em suas mãos, depende somente da senhora a escolha.

VIRGINIA.

Como assim ?

JERONIMO.

Nós viemos fazer-lhe uma proposição; se for aceita, começará a felicidade, e senão, a culpa será sua de continuarem as cousas no mesmo estado.

VIRGINIA.

Mas se é uma proposição, nem devo ouvil-a, nem accital-a sem ser em presença de minha mãe.

JERONIMO.

Ninguem lhe diz o contrario : a nossa intenção era mesmo fallar á senhora sua mãe. Ella está em casa ? poderemos vel-a ?

VIRGINIA.

Creio que sim. Se me permittem, vou chamal-a.

JERONIMO.

Pois não ? não faça cerimonia com nosco (*Virginia vai-se pelo fundo*).

ROBERTO.

Não sei, meu tio, o que me augura o coração, mas parece-me, que não devo esperar um resultado feliz. Achei-a tão fria para comigo !

JERONIMO.

Isso mesmo era de esperar. Depois do que lhe fizemos, não tínhamos direito ás suas boas graças ; contudo deixa estar, que se hão de chegar ao rego. Se este passo, que damos, nos convem para evitar duvidas futuras, a ellas tambem não deixa de ser de grande utilidade ; porque suas circumstancias não são boas, carecem de tudo, e d'esde que apparece a necessidade, que remedio senão resignarem-se. ? Portanto não vás agora fazer alguma asneira, poros-te com choratas, como se viesses pedir alguma esmola.

ROBERTO.

Não sei, o que farei, mas o que lhe asseguro é que a amo perdidamente, e que senão chego a alcançar sua mão, morrerei de desgosto.

JERONIMO.

Todos dizem o mesmo, e ainda não se vio no obtuario tal molestia. Silencio, ella chega.



SCENA XIII.

OS MESMOS, GENOVEVA, E VIRGINIA.

GENOVEVA (*baixo a Virginia sem levantar os olhos.*)

Só por tua causa faria este grande sacrificio. (*desce a scena sem olhar para os que estão, e quando chega a baixo, diz alto*). Minha filha me di-se, que os senhores me querião fallar; se bem que ignoro, o que ainda possa haver de commum entre às nossas pessoas, aqui estou (*pausa*). Se é segredo, minha filha se retirará.

ROBERTO (*atalhando*).

Não senhora, ella deve ficar, porque o negocio só a ella diz respeito.

GENOVEVA (*áparte*).

Eu tremo! (*alto*). Pois bem, senhores, nós os escutamos.

JERONIMO.

Sra. D. Genoveva, é bem de crer, que a senhora esteja indisposta contra nós, porém deve reflectir que as leis exigem, que todos os actos sejam provados, sem o que

ou não são validos, ou não merecem credito : assim as leis são as unicas culpadas do nosso procedimento.

GENOVEVA (*com muita gravidade*).

Nada de desculpas, senhores ; e se foi só isso, o que aqui os trouxe, permittão que nos retiremos.

ROBERTO (*atalhando-a*).

Não, senhora, não foi isso ; porém um negocio muito importante.

GENOVEVA.

N'esse caso será conveniente ir a elle sem preambulos, pois não me é licito perder o tempo com futulidades.

JERONIMO.

Bem ; mas eu desejava, que a senhora se compenetrasse primeiro dos nossos sentimentos para depois então...

GENOVEVA.

Já d'elles estou á muito compenetrada. (*olhando-os com olhos esmagadores*). Por minha grande desgraça bem os conheço.

JERONIMO.

Todavia as occurrencias havidas entre nós, nos tem indisposto ; e no entanto não somos tão maós, como parecemos. Dado mesmo o caso de termos procedido mal, estamos promptos a reconhecer, que errámos, e viemos offerecer uma reparação.

GENOVEVA (*admirada*).

Uma reparação !!!

ROBERTO.

A mais completa.

GENOVEVA (*admirada*).

Oh ! meu Deus será possível ?..... e de que genero ?

JERONIMO.

Dil-o-hei francamente, e em poucas palavras. Não apparecendo pela morte de meu cunhado documento algum, que provasse o seu casamento, ficou-nos o direito, a mim por cabeça de minha mulher, sua irmã, e a meu sobrinho, Roberto, representante de outra sua irmã fallecida, de tomar-nos conta de seus bens, como seus unicos herdeiros. Assim o fizemos, vendo-nos na dura precisão de privar-a d'aquilo, que a senhora julgava pertencer-lhe

GENOVEVA (*com sorriso ironico*).

Julgava ?

JERONIMO.

Sabendo-a porém e a sua interessante filha sem recursos, sem meios, e reduzidas a viverem em casas estranhas, apossou-se de nós a compaixão...

GENOVEVA.

E é esse o unico sentimento, que aqui os conduz ?

ROBERTO (*atalhando-a*).

Não senhora, é outro mais nobre, muito mais elevado.

JERONIMO.

Digo compaixão; porque é o tributo das almas sensíveis.

GENOVEVA (*com sorriso ironico*).

Almas sensíveis?

JERONIMO (*um tanto desconcertado*).

Permitta, que continue. Venlo-a sem recursos. . . . como direi? . . . pois bem. . . tivemos remorsos, e hoje ainda que lhes não offerçamos inteiramente o que as senhoras perderão, offerecer-lhes-hemos com tudo um estado, muito melhor do que aquelle em que se achão, uma vez que a senhora consinta. . . .

GENOVEVA.

Em que?

JERONIMO.

Em que meu sobrinho Roberto case com sua filha. (*Virginia dá um grito, corre a abraçar-se com a mãe*). Elle é um moço de bons costumes; está bem, como a senhora sabe, por tanto é um partido, que não se deve desprezar. Elle, quando estava em casa de seu defunto tio, já lhe tinha algum amor; mas esse amor tem crescido a tal ponto, que hoje é uma verdadeira paixão. Meu sobrinho adora sua filha, sendo seu esposo a fará feliz, e tambem a senhora, com quem promete partilhar a sua fortuna (*pausa*). Que diz? nada responde?

GENOVEVA.

Respon-lo, que sou a creatura a mais corajosa, que no mundo existe, ou que Deus se apraz em por em prova a minha constancia . . . Que homens levados pela sede de ouro, pela ambição das riquezas, fingissem ignorar, o que perfeitamente sabião . . . desconhecessem aquillo de que tinham certeza, comprehendendo ; porque isto se vê todos os dias; mas que fossem tão insolentes . . não digo bem . . que fossem tão vis e tão cobardes, que viessem insultar duas fracas mulheres sem defesa, no fundo de seu retiro, e na verdade, o que excede toda a comprehensão humana.

JERONIMO.

Mas quem as insultou, minha senhora? queira perdoar-me . . está enganada.

GENOVEVA.

Pois o senhor não considera o mais grave e o mais atroz insulto a proposta que veio fazer-me, depois do que entre nós se passou? Para não consideral-o, senhor, é preciso não possuir nem a mais pequena porção de pundonor ; é preciso ignorar absolutamente o que seja honra.

JERONIMO.

Porém, minha senhora, ao menos attenda. . .

GENOVEVA.

Nem mais uma palavra a tal respeito ; e se os senhores vierão de proposito para cuspir-me no rosto taes injurias, recorrerei aos famulos d'esta casa para os expellir, como a cães damnados.

JERONIMO.

Então recusa?

GENOVEVA.

Dar minha filha a este homem? Deus me perdoe. antes quereria vê-la morta. Olhe... espere... esta menina é uma criança, seu coração virgem e innocente ainda não pôde conter odio; pois bem, ella que lhe responda. Virginia, dote plena liberdade para aceitar ou recusar esta proposta de casamento: suppoem que aqui não estou, resolve segundo o teu pensar. Queres por esposo o Sr. Roberto? (*Roberto poem as mãos supplicantes*).

VIRGINIA (*envergonhada*).

Antes, mamãe, como Vnc. já disse, antes morrer.

ROBERTO (*triste*).

E porque, minha prima?

VIRGINIA.

Porque jámais devo pertencer ao carrasco de minha mãe, a aquelle, que só levado pela ambição, a privou de todos os seus bens. e o que ainda é mais, de sua honra. fazendo passar por uma mulher perdida a mais honesta, fiel, e dedicada esposa.

GENOVEVA (*abraçando-a*).

Bem a ouvem, senhores, é o grito de indignação de um anjo.

JERONIMO (*a Geneveva*).

E a sua resolução é immutavel ?

GENOVEVA.

Minha paciencia está esgotada ; por tanto . . . (*faz-lhes signal de que se retirem*).

JERONIMO.

Nós nos retiramos, mulher orgulhosa, nós nos retiramos; vinha-mos propor-lhe um bem que não merecia. Lucte pois com seu destino, mas não creia, que a protecção do Dr. Brochardo hade durar muito tempo. Recorde-se de que a mocidade e belleza são transitorias, e que a senhora já tem 36 annos.

GENOVEVA (*furiosa*).

Que pretende dizer ?

JERONIMO (*retirando-se*).

O que todo o mundo repete (*quaze á porta do fundo, gritando*). Que és a amante do Dr. Brochardo,

GENOVEVA (*cahindo em uma cadeira*)

Ah ! (*cobre o rosto e m ambas as mãos*).



SCENA XIV.

OS MESMOS, DR BROCHARDO, E FULGENCIO.

DR. BROCHARDO (*que ouve as ultimas palavra, corre a Jeronimo*).

Miseravel ! (*segura-lhe no pescoco, dá com elle no chao, e procura suffocal-o*).

DR. FULGENCIO (*tirando Brochardo de cima de Jeronimo*.)

Meu sobrinho, não te deites a perder.

DR. BROCHARDO (*esforçando-se para segural-o*.)

Deixe-me, deixe-me arrancar a lingua d'esta vibora para não mais envenenar a pessoa alguma.

JERONIMO (*fugindo por detras de Roberto*.)

Segure-o senhor, senão me mata.

DR. BROCHARDO.

Malvado ! ter a ousadia de infamar a uma senhora tão honrada, a quem todos devem respeito e consideração, e em minha propria casa ? Quem lhe deu a confiança de aqui entrar ?

JERONIMO (*tremendo mas não*)

Tinha vindo tratar de um negocio....

GENOVEVA (*levantando-se e interrompendo.*)

Não diga, não diga o que é. . . não o repita, basta já de vergonha.

DR. BROCHARDO.

Sem duvida alguma nova infamia? Oh! a cousa é tal que nem a senhora quer que elle a profira; mas não é preciso declarar-a; de um perverso semelhante só se podem esperar atrocidades. Saia, saia já de minha casa, e nunca mais ouse tornar a pôr n'ella os pés. Os individuos de sua especie manchão até o ascalho em que pisão (*Jeronimo e Roberto sahem precipitadamente.*)



SCENA XVI.

OS MESMOS, ESCEPTO JERONIMO E ROBERTO.

GENOVEVA.

Obrigada, senhor, muito obrigada pelo que por mim acaba de fazer. Que malvado! ainda me vem perseguir no meu isolamento, e irá propalar nova calumbia, que ainda mais me comprometterá na opinião publica!

DR. BROCHARDO.

Opinião publica! . . . quantas vezes é ella injusta! quantas vezes faz soffrer a innocencia! Um indigno para vingar-se, ou para satisfazer qualquer outra paixão ignobil, lembra-se de assacar um baldão contra a pessoa mais honrada, este se propaga, os homens cujos corações estão sempre dispostos para o mal, sem indagar-lhe a fonte.

acreditão ou fingem acreditar, e a poucos passos está uma reputação perdida. Mas não se dessole, minha senhora, temos em nossas mãos o meio de tapar-mos a boca aos maldizentes, e se for de seu contento... mas não me devo manifestar debaixo de tão dolorosas impressões, em outra occasião mais opportuna lh'o communicarei.

GENOVEVA.

Quando quizer, sempre me achará prompta a escutal-o.

VERGINIA (*aparte.*)

Se elle cazasse comigo, o mundo já não tinha que dizer, este meio era bem facil.

DR. FULGENCIO.

Minha senhora, depois que d'aqui sahi, fui reflectindo em uma acção que praticou o padre Bartholomeu, e se podesse ainda vel-o outra vez?...

GENOVEVA.

Nada mais facil, (*dá alguns passos para o fundo e volta.*) Elleahi vem.

DR. FULGENCIO.

Retiremo-nos todos para um lado silenciozos, e observemos.



SCENA VII.

OS MESMOS E O PADRE BARTHOLOMEU.

BARTHOLOMEU, *(parado à porta do fundo.)*

Todos já dormem, e são horas também de recolher-me, mas antes a oração do costume, *(vai para o lado direito, chegando junto à parede, ajoelha como quem faz oração; depois levanta-se, benze-se e estende a cabeça como quem olha para algum lugar profundo.)*

GENOVEVA.

Que faz elle ?

DR. FULGENCIO.

Silencio !

BARTHOLOMEU

Não ha novidade, posso dormir *(vem para o meio da scena)*

DR. BROCHARDO.

E' o mesmo, que ainda ha pouco fez

GENOVEVA.

Aquillo deve ter alguma significação !

DR. FULGENCIO (*com explosão.*)

Não sei; porém um raio de luz penetra em meu espirito
(*ajoelha-se*) Meu Deus, permitti que não seja um enga-
no, que não fiquem frustradas ás minhas esperanças.

Fim do 2.º Acto.



ACTO III.

O theatro representa o quarto do oratorio, no fundo haverà um altar reintrante com a sua competente banquetta; porém uma porta larga de dous batentes abrindo para fora, o fecha ao levantar do panno. O quarto deve estar forrado todo de papel encarnado, sem mobilia, e só terá dous genuflexorios, um de cada lado da porta. No fundo, aos lados do altar, duas janellas de vidraça. Nos dous lados portas de entrada e de communicação.

SCENA I.

VIRGINIA (*sò entrando.*)

Desde a morte de meu pai, é este o primeiro dia em que tenho tido algum prazer. Que boa lembrança teve o Dr. Fulgencio em comprar a mesma casa, em que papai habitou, para que mamai n'ella morasse! Isso de sua parte foi um grande rasgo de generosidade, e hade ter causado a mamãi uma alegria infinita, porque ella aqui foi tão feliz! Quando se é desgraçada, como que ha uma certa consolação na remeniscencia da ventura de que já gosamos, ella serve de algum lenitivo ás nossas penas, e é isto sem duvida o que com mamãi acontece. Cada uma d'estas salas, d'estes quartos, d'estas paredes, lhe recorda um factio ditoso de sua vida, e em quanto d'elles se lembra, o pesar não a punge.



SCENA II.

A MESMA E O DR. BROCHARDO.

DR. BROCHARDO (*entrando*)

Que é isto, Sra. D. Virginia ? fugio para o oratorio ?
veio resar, ou quiz subtrahir-se á nossa presença ?

VIRGINIA.

Nem uma, nem outra cousa : tenho estado a visitar
uma por uma todas as peças d'es'a casa. O senhor bem
sabe que lhe devo ter amor.

DR. BROCHARDO.

A' casa ?

VIRGINIA (*rexada.*)

Sim, senhor, á casa ; pois a quem mais havia de ser ?

DR. BROCHARDO.

A alguma pessoa que tivesse tido a grande ventura de
agradar-lhe.

VIRGINIA.

E quando assim fosse, de que serveria ter-me alguém
agradado, se eu n'esse sentimento não deveria esperar
ser correspondida ?

DR. BROCHARDO.

Não deveria esperar ? . . . e pelo que ?

VIRGINIA.

Sem dotes physicos, sem prendas moraes, sem familia e sem fortuna, quem se dignaria de olhar para a triste orphã?

DR. BROCHARDO.

Quem? Oh! como é injusta para consigo mesma!... E o que me responderia, se eu lhe asseverasse que ha um coração que ha muito palpita em segredo pela sua belleza, que existe um homem rendido pelos seus encantos, que seria o mais infeliz dos viventes, se tivesse certeza de jamais inspirar-lhe amor? . . . que responderia?... diga.

VIRGINIA (*balbuciando*).

Que... isso... e... impossivel!

DR. BROCHARDO.

Pois bem, encantadora Virginia, tanto não é impossivel, que esse homem existe, e se acha em sua presença. Basta já de contrafazer-me, basta já de occultar esta paixão! Sim, bella Virginia, desde que a vi, ainda bem infante, tive logo a seu respeito um sentimento de interesse que não o podia definir. Atravez da candura e singeleza de sua pouca idade, eu já admirava o brilho de seu espirito sisudo e reflectido, e sentia crescerem seus encantos com aquelle mesmo empenho que tem o jardineiro, quando vê desabrochar as suas flores. Derão-se as tristes occurencias de sua familia, e euahi tive a grande ventura de poder prestar alguns pequenos serviços. Esta circumstancia embargou-me a voz, tolheu-me os passos no momento mesmo de ir declarar os meus sentimentos, e de sollicitar a sua mão, porque jamais

queria que no meu proceder se enxergasse resalbos de interesse : no entanto em vão tenho luctado entre o amor e a delicadeza, esta me aconselha o silencio, aquelle que falle, e como o primeiro é mais forte e mais poderoso, rompo o véo e tudo lhe declaro... Pende agora de seus labios a minha sentença ; julgar-me-hei o homem mais feliz do mundo, se ella me fôr favoravel, ou o mais desditoso, se me fôr adversa ; mas nem assim recuarei um só passo do que hei feito e do que pretendo fazer. Profira pois á minha sentença sem consultar a gratidão, sem attender ao reconhecimento ; prescrite tão sómente o seu coração. .. decida... que responde ?

VIRGINIA (*com os olhos baixos*).

Que em materias d'esta ordem nada me cumpre dizer sem ser em presença de minha mãe : é com ella que o senhor se deve entender.

DR. BROCHARDO.

Perdoe, bem sei a interferencia, que cabe aos pais n'estes negocios, e bem longe estou de querer privar d'eilla a sua mamai ; porém não quiz communicar-lhe, o que em mim se passava, sem primeiro saber se era merecedor de suas sympathias. Sua mamãi, boa como é, talvez a convencesse da vantagem de aceitar a minha mão contra a sua vontade, talvez que a senhora para obdecer-lhe assim o lizesse, e então qual seria a minha magoa, quando soubesse não ser por expontaniedade e sim por violencia, que obtinha a posse do thesouro, que ambeciono ?

VIRGINIA.

E' preciso ser mais justo para consigo mesmo, Sr. Dr., quem possui um caracter, como o seo, e as suas virtudes, jamais deve acreditar, que haja alguma mulher na terra,

que não se julgue muito ditosa com o seu amor (*dando-lhe a mão, que elle beija*). Póde fallar sem receio a mamãe.

DR. BROCHARDO.

Ah ! querida Virginia, tu me dás mais do que a vida, pois me concedes o unico bem que n'este mundo aspirava !



SCENA III.

OS MESMOS E GENOVEVA.

GENOVEVA.

Onde tens estado Virginia, que te hei procurado por toda a parte ?

DR. BROCHARDO (*correndo a ella*)

Ah ! senhora, venha, venha sellar com a sua sancta palavra a minha felicidade.

GENOVEVA.

Com muito gosto ; mas de que modo ?

DR. BROCHARDO.

Acabo de confessar á sua interessante filha a profunda paixão, que me soube inspirar, e ella me permittio o sollicitar o seu consentimento para que seja minha esposa. Por ventura recusará conceder-m'o ?

GENOVEVA (*muito alegre*).

Sua esposa! sua esposa minha filha? Oh! meu Deus! parece que a sorte já se vai cançando de perseguir-me! E quer o meu consentimento? Como negar-lh'o, se tal consorcio é para mim a suprema felicidade? Tem todo o meu consentimento, Sr. doutor, e só muito sentirei, se minha filha em algum momento de sua vida deixar de adorar o melhor, o mais distincto, e o mais generoso dos homens (*pegando na mão de Virginia e passando-a para o lado do doutor*). Aqui a tem, meu filho, é sua, o destino que por tanto tempo me fez tão desgraçada, acaba de dar-me a maior, e a mais completa compensação.

DR. BROCHARDO (*abraçando*).

Minha Virginia!

VIRGINIA.

Querido Eulalio!

GENOVEVA.

Oh! agora os maldizentes já não hão de comprometter a minha honestidade, e os meos mais ardentes votos estão cumpridos (*ajoelhando-se*). Eu vos rendo graças, meu Deus! eu vos rendo graças por tão grande beneficio! De mim aprendão todos, que jamais se deve desespearar de vossa infinita misericordia (*levanta-se*).



SCENA IV.

**OS MESMOS DR. FULGENCIO, E O PADRE
BARTHOLOMEU.**

DR. FULGENCIO,

Tive uma grande esperança. . . . uma grande idea, quando fiquei com esta casa ; porèm a minha esperança vai-se esvaecendo, e começo a desacoroçoar ! Sempre me persuadi de que o Padre Bartholomeu tivesse escondido os documentos desejados em alguma parte d'este edificio, e que a tornar a vê-lo, qualquer emoção, qualquer signal me indicaria o lugar em que se achavão : no entanto tenho percorrido todas as salas, e quartos, tenho visitado todos os seus repartimentos, e a sua impassibilidade é extrema. Só me falta este oratorio ; para aqui o conduzo, e se ainda nada conseguir, tudo será perdido, e para sempre desanimarei.

GENOVEVA (muito contente).

Tenha animo, Sr. doutor, tenha animo, porque Deus acaba de dar-me n'este momento a maior prova de sua bondade.

DR. FULGENCIO,

Como assim ?

GENOVEVA,

Pois não sabe, que o Sr. Dr. Brochardo pediu agora mesmo a mão de minha Virginia ?

DR. FULGENCIO,

Confesso-lhe que não, mas tambem confesso-lhe, que d'elle isso mesmo esperava. Não se pode ver sua filha sem admiral-a, e nem admiral-a sem adoral-a. Meo sobrinho,

mais do que ninguem conhecia os seus dotes, e por isso a elles não o podia ficar indifferente. (*ao Dr. Brochardo*).
Recebe os meos parabens pela angelica esposa, que o ceo se dignou outhorgar-lhe.

GENOVEVA (*compenetrada*).

Tanta bondade !

DR. BROCHARDO.

Diga antes . . . tanta justiça.

DR. FULGENCIO (*ao Dr. Brochardo*).

Bravo ! muito bem ! (*a Bartholomeu*). Que diz a isto, Sr. Padre Bartholomeu ?

BARTHOLOMEU.

O que ?

DR. FULGENCIO.

Já sabe que casa a Srna. D. Virginia, a filha do seu amigo o Sr. Ferreira ?

PADRE BARTHOLOMEU.

Caza ? . . . eu tambem cazei sua mãe.

DR. BROCHARDO (*e os mais rodeando-o*).

Como que a remuiscencia lhe volta.

DR. FULGENCIO.

Ensaïemos . . . não o interrompamos (*a Bartholomeu*)
Então foi V. S. quem cazou a mãe da Srna. D. Virginia ?

PADRE BARTHOLOMEU.

Fui . . . que duvida ha n'isso ?

DR. FULGENCIO.

Dizem algumas pessoas, que não é exacto . . . que ella nunca foi casada.

PADRE BARTHOLOMEU.

E' uma infamia ! eu a casei, e o padre Bartholomeu não mente.

DR. FULGENCIO.

Mas onde está a certidão ?

PADRE BARTHOLOMEU.

A certidão de que ?

DR. FULGENCIO.

Do casamento.

PADRE BARTHOLOMEU (*como lembrando-se*)

Não sei não me lembro.

DR. FULGENCIA. (*desanimado*)

Oh ! meu Deus, quando pensava ir saber tudo, é que a memoria enfraquecida deste homem me falta ? (*ao Dr. Brochardo*) doutor, com o socorro da sciencia não será possivel fazer este infeliz recuperar a razão, ou tão somente a memoria por um minuto ?

DR. BROCHARDO.

Ah! tudo quanto a sciencia, e a dedicação prescrevem, tenho ensaiado; mas desgraçadamente sempre em balde. O ataque de apoplexia, que soffreu, produziu-lhe um amolecimento de cerebro, e quanto mais progredir a molestia, mais fraco ficará da intelligencia!

DR. FULGENCIO. (*ao Padre*)

Não conhece este oratorio?

PADRE BARTHOLOMEU.

Oratorio! onde está elle?

DR. FULGENCIO. (*desanimado*).

Não o reconhece! e assim se vai a minha ultima esperanza!

O CRIADO JOÃO (*entrando, ao Dr. Fulgencio*).

Ahi fóra estão uns senhores, que pretendem fallar a V. S.

DR. FULGENCIO.

Dize-lhes que não é aqui que moro, que se me querem fallar, dirijão-me á minha residencia.

JOÃO.

Isso mesmo já lhes disse; porém um d'elles respondeu-me que o negocio era mesmo relativo a este predio.

DR. BROCHARDO.

Haverá alguma novidade?

DR. FULGENCIO.

Não o creio (*ao criado que se retira*) Manda-os entrar, (*aos outros*) Não sei o que possa ser. A escriptura foi passada em fórma, e o preço ajustado pago até o ultimo real Enfim, seja o que fór . . . não devo torturar a imaginação, porque estou prestes a ir sabel-o.



SCENA V.

OS MESMOS, ROBERTO, JERONIMO e ESTEVAO.

GENOVEVA (*vendo-os*).

Ainda estes homens! (*pondo Virginia junto de si*).

DR. BROCHARDO.

Não tenha receio.

GENOVEVA.

Não é receio, é aversão que sinto.

DR. FULGENCIO.

Não sei, senhores, o que ainda pôde causar-me a honra de os ver n'esta casa! Depois que receberão o importe . . . era de esperar

JERONIMO.

Sr. doutor, quando eu e meu sobrinho lhe vendemos o predio, foi o predio isolado, e não com o que elle contivesse.

DR. FULGENCIO.

De certo, nem nunca foi questão de trastes ou mobília, porque nem a queria, nem d'ella precisava.

JERONIMO.

No entanto ainda aqui ficarão alguns objectos que viemos agora buscar.

ESTEVÃO.

E se não os quizerem entregar por bem, já trago aqui o mandado de apprehensão (*mostra um papel*) (*a parte*) Não me quizerão por si, ter-me-hão contra si.

DR. FULGENCIO.

Não ha de ser necessario executar o seu mandado... Sr. procurador, nunca foi meu costume ficar com o alheio... mas que objectos são esses?... não os vejo !

JERONIMO.

Aquelle oratorio tem imagens e banquetta que não entrarão no contracto.

DR. FULGENCIO.

E' verdade ; não tinha dado por isso.

JERONIMO.

Então, permite que leve tudo ?

DR. FULGENCIO.

Pois não !... é seu, póde levar.

JERONIMO.

Muito bem.... com licença. Venhão ajudar-me (*a Roberto e Estevão. Estes vão ao oratório e abrem a porta. Apenas o padre Bartholomeu ouve bulir-lhe, volta-se de repente e fica muito attento. Os tres começam a tirar as castiças do altar e a pol-o no chão.*)

PADRE BARTHOLOMEU (*gritando*).

Não toquem no altar !... não toquem nas cousas sagradas, que é uma profanação, e o céo castiga !... (*Os tres ficam interditos por momentos, depois continuão.*)

JERONIMO.

Não façamos caso, que é um doudo.

PADRE BARTHOLOMEU.

Já disse que não toquem ali... que o céo castiga (*vendo que não fazem caso*) Ah ! continuão ? então ali já não está seguro (*corre ao altar, empurra os tres e tira de detraz da imagem uma caizinha de folha com a qual corre para a scena procurando escondel-a.*)

JERONIMO (*querendo tomal-a.*)

Que é isto ? .. um thesouro escondido ? . . . elle nos pertence ! . . . pertence á herança !

PADRE BARTHOLOMEU (*ao Dr. Fulgencio.*)

Oh! defenda-me: não consinta que m'a tomem! o Sr. Ferreira confiou-a á minha guarda.

DR. FULGENCIO.

Eu a guardarei, eu a guardarei (*abre-a e tira um papel que lê.*)

JERONIMO (*a Fulgencio.*)

Entregue-me isso, senhor, que é da herança.

DR. FULGENCIO (*cahindo de joelhos.*)

Seja Deus louvado! seja Deus bendito!

GENOVEVA, VIRGINIA E O DR. BROGHARDO (*aluçando.*)

O que é?... o que é?...

DR. FULGENCIO (*levantando-se e mostrando o papel.*)

A certidão de seu casamento!!

GENOVEVA E VIRGINIA (*com explosão de alegria.*)

Ah!...

JERONIMO.

A certidão do casamento?

EETEVIÃO (*baixo a Jeronimo.*)

Pessa vista do documento.

DR. FULGENCIO.

É com todas as solemnidades requeridas pela lei.

ROBERTO (*baixo ao tio.*)

Oh! o doudo bem disse, que o céo castigava!

JERONIMO (*ao sobrinho.*)

Hade ser alguma patranha.

ROBERTO (*ao tio.*)

Não o creio.

DR. FULGENCIO.

Sra. D. Genevêva, seu casamento está provado, sua honra rehabilitada, e seu nome sem mancha. Uma vez alcançado o essencial, cumpre entrar na posse do seus bens, e tornar a haver uma herança, que lhe foi usurpada (*a Jeronimo e a Roberto*). Em vista do precioso documento que se acaba de encontrar, já nada mais podem os senhores levar d'esta casa, e se ainda o ousarem, protesto perseguil-os por ladrões, dando a devida queixa perante os tribunaes.

ESTEVÃO (*passando rapido para o lado do Dr. Fulgencio*)

E se V. S. quizer, eu andarei com os papeis (*o Dr. faz-lhe um signal imperioso para que se retire, elle o faz muito triste e de vagar.*)

ROBERTO (*baixo a Jeronimo.*)

Ah! meu tio, ao que me expozerao os seus máes conselhos!

JERONIMO.

Vai-te para o inferno, que não estou para te aturar, *retira-se arrebatadamente, e Roberto o segue.*)

GENOVEVA.

Senhores! como, e quando poderei reconhecer tão assinalados serviços?

DR. FULGENCIO.

Eu nada mais fiz, do que o meu dever.

DR. BROCHARDO (*abraçando Virginia e mostrando-a a Genoveva.*)

E não estou eu generosamente pago, minha mãe? (*Genoveva dá uma das mãos ao Dr. Brochardo e com a outra abraça os filhos com riso de ternura, e calhe o pauno.*)

Fim do Drama.